

O problema UNITA

Edmundo Rocha

A maior parte dos angolanos já chegou à conclusão de que é impossível a pacificação e o progresso económico e social enquanto existir um partido armado que não se submete às regras de convivência democrática e impede a instauração de um clima de paz. Isto já dura há 25 anos.

Não está em causa discutir as razões que conduziram o governo legal a decidir forçar os últimos redutos da UNITA a submeterem-se à administração central e às regras nacionais. O facto é que essa tentativa desencadeou "efeitos colaterais" não previsíveis e de uma dimensão assustadora - um milhão de deslocados, quatro cidades sitiadas, insegurança em todo o território - e demonstrou à comunidade internacional o poderio militar e a política maquiavélica de Jonas Savimbi.

Recuar seria para o GURN (Governo de Unidade e Reconciliação Nacional) e para o MPLA perder a face. E iria ainda dar à UNITA um espaço de manobra que lhe permitiria ganhar mais tempo, espalhar ainda mais as suas metástases cancerosas e daqui a uns anos fazer o assalto definitivo ao poder. Recuar seria criar condições para o suicídio do MPLA. A única saída é tentar extirpar esse cancro de maneira cirúrgica.

O contraste entre a acumulação de riqueza durante anos, por um lado, e o da pobreza por outro, retira credibilidade e moralidade aos dirigentes e aumenta os níveis de contestação no extremo oposto, sobretudo entre a juventude. Esta situação, a manter-se, diminui a fibra moral, a resistência e a capacidade combativa da Nação. Este sentimento generalizado, associado à ausência de ideologia e de utopias, pode fragilizar as fileiras daqueles que dizem pugnar por um estado de direito e aumentar a desorientação dos angolanos. E isto é grave. Na guerra, os exércitos valem por aquilo que vale cada soldado e não pela sofisticação dos meios militares.

Os partidos no Governo, e em especial o MPLA, terão de fazer um doloroso retorno às fontes e empunhar de novo os valores que foram os seus para poder enfrentar os desafios desta sociedade estilhaçada. Há absoluta necessidade de se limparem de acusações de corrupção e de nepotismo, de fortalecer a sociedade civil e de preparar a alternância no poder, que é um dos fundamentos da democracia. Senão, a sociedade estiola-se e morre. Têm também de dar a palavra à sociedade civil, num contexto de respeito pela pluralidade de opiniões.

Não vejo, no entanto, no panorama político actual ou mesmo a médio prazo, forças capazes de substituir o movimento histórico do MPLA. No entanto, as contradições que devem existir no próprio seio deste movimento só vão aparecer à luz do dia após a solução definitiva do problema Jonas Savimbi. Pode ser que no futuro venham a aparecer poderosas correntes contestatárias no seio do próprio MPLA, as quais venham a dar origem a fracturas e ao nascimento de vários partidos democráticos.

A solução UNITA, isto é, a conquista do poder pela força, é também perfeitamente possível. O comportamento da UNITA mostra que este partido está nos antípodas de um projecto unitário, conciliador das várias sensibilidades e etnias angolanas. Estimo que não seria certamente a melhor solução para Angola. Mas não há que

desesperar. O novo século trará uma outra esperança aos angolanos. Não podemos é continuar assim por muito mais tempo. Estamos a deslizar paulatinamente para o suicídio nacional.